

DO LARGO DO COLÉGIO AO LARGO DA MATRIZ: metamorfose arquitetônica e urbana ao longo do tempo

FROM THE LARGO DO COLÉGIO TO THE LARGO DA MATRIZ: architectural and urban change over time

A. Flavia Ribeiro Botechia

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

flaviabotechia@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa insere-se no campo teórico da morfologia urbana, o qual considera a cidade como um objeto passível de ser estudado a partir da métrica formal, e dialoga, mais especificamente, com o interesse sobre o estudo da longevidade das formas urbanas. No contexto de um dos setores do centro de Vitória (Espírito Santo, Brasil), denominado "cidade alta", a Rua Pedro Palácios é o principal eixo de conexão, física e visual, entre a atual sede do Governo Estadual e a Catedral Metropolitana, entre as representações materiais do poder político e religioso, entre o antigo colégio jesuíta e a igreja matriz. Contudo, estes elementos urbanos - palácio, rua, catedral - não passaram pelas diversas camadas do tempo sem sofrer metamorfoses. A partir do referencial teórico-metodológico proposto, da análise comparativa e decomposição sistêmica da planta foi possível aferir os apagamentos e persistências ao longo do eixo da Rua Pedro Palácios, conexão entre os primitivos Largo do Colégio e Largo da Matriz, em pelo menos três hipotéticos períodos morfológicos.

Palavras-chave: morfologia urbana, rua; praça; Vitória

Linha de Investigação: 1: Cidade e projeto

Tópico: Morfologia urbana

ABSTRACT

This research is part of the theoretical field of urban morphology, which considers the city as an object that can be studied from the formal metric, and dialogues, more specifically, with an interest in the study of the longevity of urban forms. In the context of one of the sectors of the center of Vitória (Espírito Santo, Brazil), called "cidade alta", *Pedro Palácios* street is the main axis of connection, physical and visual, between the current seat of the State Government and the Metropolitan Cathedral, between material representations of political and religious power, between the former Jesuit college and the parish church. However, these urban elements - palace, street, cathedral - did not pass through the different layers of time without undergoing metamorphosis. Based on the proposed theoretical-methodological framework, comparative analysis and systemic decomposition of the plant, it was possible to assess the erasures and persistence along *Pedro Palácios* street, a connection between the primitive *Largo do Colégio* and *Largo da Matriz*, in at least three hypothetical morphological periods.

Keywords: urban morphology, street, square, Vitoria

Research line: 1: City and project

Topic: Urban morphology

Introdução

Esta pesquisa insere-se no campo teórico da morfologia urbana, o qual considera a cidade como um objeto passível de ser estudado a partir da métrica formal, e dialoga, mais especificamente, com o interesse sobre o estudo da longevidade das formas urbanas, temática trabalhada por Lavedan (1926), Conzen (1960), Portas (2005), Dias Coelho (2014), dentre outros.

No contexto de um setor específico do centro de Vitória (Espírito Santo, Brasil), denominado “cidade alta” situado na colina histórica, a Rua Pedro Palácios (**Figura 1**) é o principal eixo de conexão, física e visual, entre a atual sede do Governo Estadual e a Catedral Metropolitana, entre as representações materiais do poder político e religioso, entre o antigo colégio jesuíta e a igreja matriz. Contudo, estes elementos urbanos - palácio, rua, catedral – não passaram pelas diversas camadas do tempo sem sofrer metamorfoses formais, considerando nesta análise processos de persistência e apagamento de elementos urbanos.

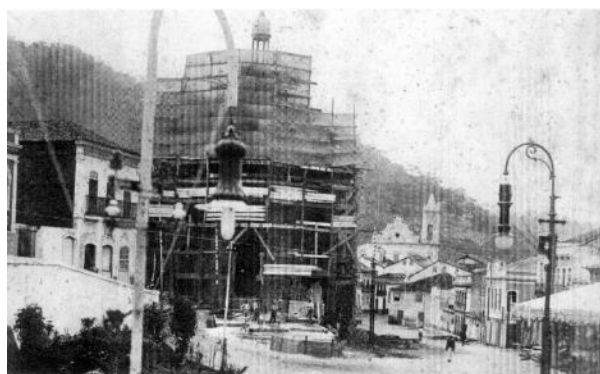


Fig. 01 Tábua de fotografias históricas demonstrando diferentes períodos de remodelação da região da Rua Pedro Palácios ao longo do século XX. Fonte: Arquivo Público Estadual e Arquivo Geral Municipal de Vitória.

Ao considerar o viés analítico das formas urbanas uma questão preliminar se destaca: quais foram os processos de gênese dos elementos que compõe a cidade alta? Esta pergunta embasou a construção de uma investigação, que se encontra na segunda etapa de desenvolvimento, cujo objetivo principal é o estudo da formação material do espaço público do centro de Vitória, tendo contemplado em sua primeira etapa o estudo dos espaços de exceção (Botechia, 2019) – as praças – e que, nesta segunda etapa, se desdobra para as interligações entre esses espaços, ou seja, para a interpretação das ruas. Entretanto, propõe-se para este artigo uma interpretação da morfogênese de um estudo de caso: a Rua Pedro Palácios, eixo de ligação entre os antigos Largo Afonso Brás e Largo da Matriz, dois dos principais espaços públicos do período colonial localizados na cidade alta (**Figura 2**).

Justifica-se a relevância científica desta investigação pela contribuição que esta poderá dar acerca do aprofundamento dos estudos morfológicos à escala local que, por hipótese, passaram por uma sedimentação tendo como princípio gerador o processo de persistência da estrutura formal colonial embora esta tenha sofrido inúmeras intervenções urbanas especialmente durante o século XX. Entende-se também como hipótese (ou pergunta estruturadora) especificamente deste artigo que a Rua Pedro Palácios pode ter sido a Rua Direita (Abreu, 2011) um dos principais princípios geradores da cidade com implantação de origem portuguesa (Souza, 2009) como é o caso de Vitória.

Isto posto, trata-se de uma pesquisa que envolve além da formação de base teórica, os procedimentos de recolha documental, redesenho interpretativo com ferramentas de *software* de geoprocessamento (QGIS versão 2.14.8), classificação e análise comparativa de elementos urbanos individualizados.

Nesta etapa, assim como na referida etapa precedente, foi possível comparar quatro documentos cartográficos e históricos fundamentando esta escolha por se tratar dos principais documentos com representação em planta baixa e com indicação de, pelo menos, três elementos morfológicos: rua, lote/quarteirão e edificado. Além das cartografias, documentos textuais e iconográficos foram utilizados para confrontar dados embora se admita que “[...] a cartografia de cada época tem uma importância fundamental – apesar das imprecisões, das impossibilidades de uma mensuração correta, das diferenças de escala etc. –, porque os próprios mapas são marcos definitivos de etapas das transformações espaciais da cidade [...]” (Vasconcelos, 2009).



Fig. 02 Foto aérea com identificação da Rua Pedro Palácios no contexto da cidade de Vitória (Espírito Santo, Brasil), bairro Centro.
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Googlemaps*.

Este artigo foi organizado em três partes. Na primeira explicitam-se as principais bases teóricas consultadas, percorrendo na literatura aspectos acerca das noções de metamorfose da forma urbana e de rua direita. Na segunda parte, recorre-se a apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados, especialmente no trato empírico recorrendo à análise diacrônica do traçado. Na terceira parte, apresentam-se os resultados e discussões parciais obtidas admitindo-se tratar de pesquisa em andamento.

1. Revisão da Literatura

1.1 A persistência da forma urbana

Em se tratando da história das áreas centrais urbanas é o patrimônio edificado que aflora como detentor dos vestígios materiais da memória do lugar. Nada mais do que o óbvio, a tridimensionalidade impregna, toca, assalta aos olhos, enumeram-se e nomeiam-se catedrais, claustros, castelos, edificações civis. Entretanto, estes não são os únicos remanescentes materiais do passado na cidade e, por hipótese, nem mesmo os mais antigos, posto que há um nível da materialidade que vem do passado no plano bidimensional, no traçado urbano, no “chão da cidade” (Portas, 2005). Autores como Lavedan (1926), Conzen (1960), Pinon (2008), Dias Coelho (2014), dentre outros, dão especial atenção a esta questão ao tratar da identificação da persistência do espaço público, incluindo o tempo como dimensão de análise da forma naqueles tecidos que resultam de um processo sedimentar.

Pierre Lavedan é reconhecidamente um dos primeiros a fazer um estudo sistemático e aplicado sobre a persistência da forma urbana por meio de análise cartográfica. Ao identificar os elementos geradores da planta da cidade, o autor identificou uma lei, “não universal, nem absoluta”, a qual denominou por *loi de la persistence du plan* (Lavedan, 1926: 91), segundo a qual, algumas ruas da cidade perduram por séculos. Testando este argumento, para verificar aquelas formas urbanas transmitidas no tempo, Lavedan fez um

estudo cartográfico tentando identificar casos empíricos de persistências: uma estrada no caso de *Tell el Amarna*, o plano da antiga cidade de *Salonique*, caminhos medievais de *Fourvières*, a muralha medieval convertida no eixo das avenidas em *Beaumont*, além de outros exemplos.

Assim, distintos e sucessivos períodos históricos podem ser estudados e interpretados pelo simples fato de que pode ser estabelecida uma conexão comparativa entre diferentes tempos, posto que alguns elementos permaneceram. Embora destaque-se aqui o livro de Lavedan, é importante registrar a importância de Marcel Poète e do geógrafo Raoul Blanchard que em obras de 1911 e 1922 é considerado pioneiro na defesa dos estudos comparativos dos planos urbanos para entendimento da “evolução urbana”.

Pierre Pinon, alguns anos mais tarde, com a publicação do artigo *Défense et illustration de la “loi de persistance du plan”*, recuperou a questão lançada por Lavedan para identificar a persistência de fragmentos preexistentes na análise de plantas de algumas cidades francesas de fundação romana. Fez isso defendendo como método de reconstituição da materialidade do traçado, a prospecção retrospectiva por meio de fotografias aéreas, mapas cadastrais e análise morfológica dos tecidos urbanos.

Procedendo então com a análise retrospectiva de plantas urbanas, Pinon aponta as diferenças conceituais entre persistência e permanência (tratadas por Lavedan em 1926), e evidencia pontos fundamentais para serem observados antes de se iniciar qualquer pesquisa: a existência de tipos de plantas urbanas (de matriz colonial, ortogonal, romana, etc., a depender da história da cidade); o fenômeno da conservação do traçado (identificação preliminar de evidências topográficas, implantação de edifícios, antigos caminhos); e a possibilidade de se reconstituir as fases intermediárias da planta.

Conzen, por sua vez, ao se deter sobre análises de pequenas cidades e vilas inglesas identificou a existência de processos morfológicos que agiram sobre a substituição das formas urbanas, em três escalas: da planta da cidade, da edificação e do uso. Pelo menos dois verbetes do Glossário de termos técnicos, elaborado por este autor, fazem referência à temática abordada: *Persistence of inherited forms*; e *Systematic differentiated persistence of forms (principle of)*. Na definição destes termos, Conzen afirmou que o plano urbano (composição bidimensional da planta da cidade) é dentre os elementos morfológicos aquele mais persistente e que a longevidade das formas urbanas está relacionada ao seu uso.

Carlos Dias Coelho (2013: 10) refletiu sobre a importância do estudo da forma urbana não somente para compreender a cidade, mas para “[...] conviver pacificamente com o facto da cidade construída ser mais resistente do que os utilizadores e as práticas a que é sujeita”. O autor destaca, desse modo, o fator tempo como dimensão de análise e a morfologia urbana como “[...] estudo sistemático da forma da cidade” e que a cidade é um objeto em “metamorfose imperfeita”, pois nunca se encontra finalizado, entendendo o “tempo como dimensão da forma” naqueles tecidos que são resultados de um processo sedimentar. Assim também pensou Lamas (2011: 114) ao abrir possibilidades para um estudo urbano comparativo com a utilização de cartografia histórica:

O estudo do solo urbano, dos traçados, do cadastro e da ocupação construída permite verificar que, determinados elementos morfológicos ou arquitectónicos persistem em qualquer cidade. Com estas concussões, M. Poète estabelece o conceito de persistência, que seguidamente é utilizado por Lavedan, o qual se assemelha a ‘persistência’ a uma persistência de ‘espírito’ do plano. Através dessa geratriz é possível remontar na História e reconstituir a formação da cidade. A

análise histórica da cidade revela existirem elementos em contínua transformação e elementos que não se modificam totalmente e persistem. Estes últimos são principalmente os monumentos, os traçados ou vias e, em certa medida, a estrutura fundiária.

A relação entre forma pretérita e forma atual dos espaços públicos, poderia ser identificada no centro da cidade de Vitória? A falta de publicações com este perfil sobre o referido objeto levou ao desenvolvimento de um estudo aplicado que se apresenta, em parte, a seguir.

1.2 A Rua Direita

A importância do estudo no traçado no que concerne ao estudo da história da cidade é revelador de padrões, processos, daqueles que se denominaram vencidos e vencedores, das várias camadas culturais sobrepostas e justapostas. Especificamente no estudo da gênese da cidade brasileira, está o estudo do traçado de origem portuguesa dados os aspectos de sua colonização e de um elemento de ligação que embora tenha características banais foi um dos primitivos elementos de estruturação do espaço, a Rua Direita:

O topónimo Direita refere-se ao conceito abstracto de direcção, especificando o papel urbano primordial que lhe é inerente, podendo extrair-se do mesmo a sua natureza conceptual, e as suas qualidades como elemento urbano direccionado, ao mesmo tempo gerador e estruturador, articulador, agregador, preponderante e legível. A Rua Direita será sempre entendida como uma rua directa, isto é, com o significado de direcção imediata. (AMADO, 2012: 27).

Em se tratando especificamente do processo de formação do traçado da primitiva vila de Vitória, em 1551, a partir da chegada dos colonizadores de origem portuguesa, afirma Souza (2013: 308) em tese de doutoramento:

O local escolhido por Duarte Lemos foi um platô de aproximadamente 20 metros de altitude, junto ao canal, com cerca de trezentos metros de comprimento, no eixo leste-oeste, por aproximadamente 100 a 140 metros de largura, no eixo norte-sul, sendo a maior cota a de 25 metros, que formava uma pequena elevação quase central, com uma área de três a quatro hectares. O maior eixo era paralelo à baía e nos seus extremos existiam duas áreas baixas alagadiças, em consequência das elevações da maré, que foram, posteriormente, chamadas de Campinho e Campo dos Pelames, o primeiro a oeste, e o segundo a leste do platô, respectivamente.

No sugerido platô, ainda segundo pesquisas desenvolvidas pela referida autora, três edifícios religiosos localizados nas extremidades foram estruturantes do que poderia ser chamado de “triângulo histórico”: a capela da outrora fazenda de Duarte Lemos denominada por Santa Luzia, a igreja Matriz, e, na terceira extremidade oeste, o Colégio e Igreja jesuítica de São Tiago. Interligando os vértices do hipotético triângulo, as arestas aqui denominadas por ruas, que poderiam ter sido os rudimentares caminhos do platô. O primeiro ligava a Capela Santa Luzia a igreja Matriz, denominado por *Rua Grande*, o segundo conectava a igreja Matriz ao Colégio São Tiago, qual seja a *Rua da Matriz*, e fechando o triângulo, a *Rua da Capelinha* que interligava o Colégio São Tiago à Capela Santa Luzia (vértice preexistente a configuração formal sugerida).

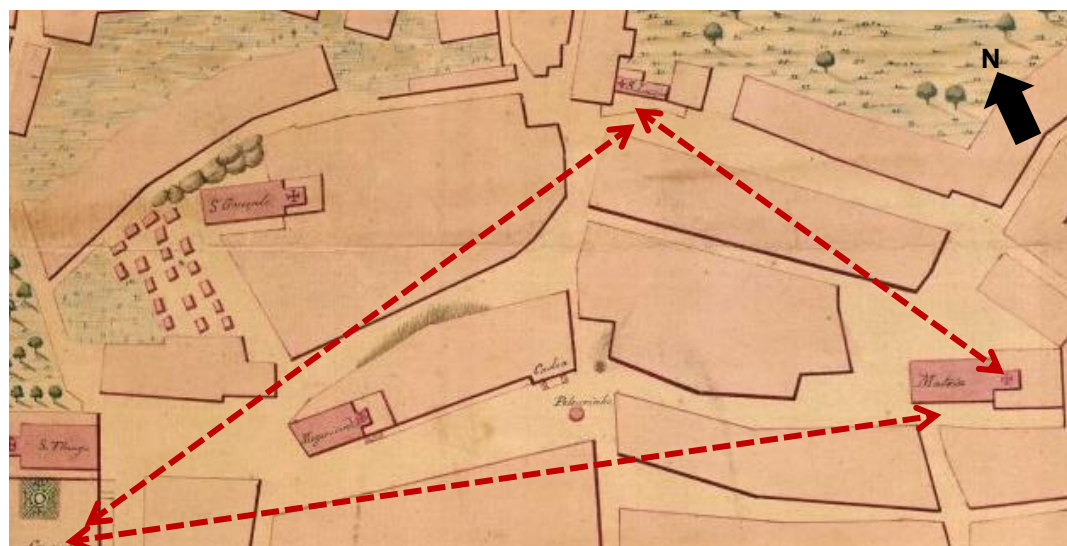


Fig. 03 Recorte da cartografia *Prespecto da Villa da Victoria e planta da villa da Victoria: capital da Capitania do Espírito Santo*, autor José Antônio Caldas (1767). Fonte: BNDigital do Brasil, com intervenções do autor.

Na hipótese desenvolvida pelo Professor Nestor Goulart Reis (1994, apud Souza, 2013),¹ o descrito “triângulo histórico” (**Figura 3**) poderia ter sido circundado por muros que absorveram como limites o sítio físico do platô, destacando-se aqui, como descreve o autor, os caminhos que persistiram no tempo:

O perímetro inicial partia do Colégio dos Jesuítas (onde está o Palácio do Governador do Estado), percorria o que era então o pátio da Misericórdia e seguia, no lado sul, pela borda do que é hoje a Rua Pedro Palácios, até a Matriz (hoje Catedral). Desta seguia no lado norte pela rua José Marcelino até o largo de Santa Luzia, onde provavelmente havia a porta principal. Deste ponto podia subir pela que é hoje Rua Muniz Freire, voltando ao largo junto à Misericórdia.

Somam-se às características da topografia local, os edifícios que foram construídos (nos primeiros anos da Vila de Vitória, fundada em 1551) conectados diretamente à esta rua, dos quais aqui se destaca a Igreja e Hospital da Misericórdia, a casa de Câmara e Cadeia, além dos Largos Afonso Brás, Largo da Matriz e do Pelourinho.

Especificamente sobre o contexto da cidade de Vitória, o pesquisador Elmo Elton (1999: 113-114) descreve algumas das funções da Rua Pedro Palácios, como aquela de promover a interligação entre largos ao longo do tempo:

Situa-se onde, a princípio, existiu o largo da Caridade, que ficava ao lado da igreja da Misericórdia, sendo que daí se abria um caminho até a velha Matriz. Com as

¹ Estas referências de estruturação da vila colonial ainda que brevemente apontadas neste artigo estão publicadas de modo avançado nos trabalhos de longa duração dos Professores Nestor Goulart Reis e Beatriz Bueno acerca da tese da existência de planejamento nas cidades coloniais brasileiras de matriz portuguesa.

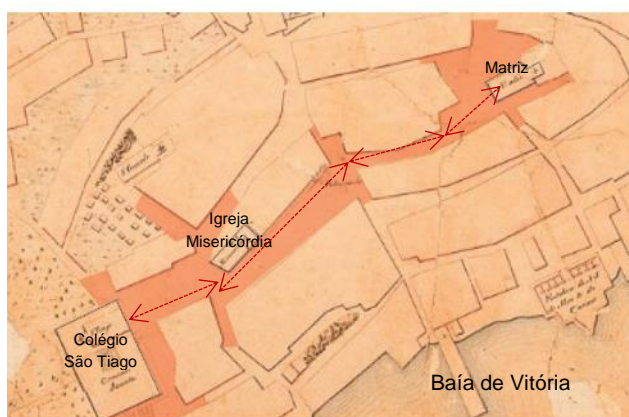
demolições na cidade alta. o largo desapareceu, surgindo, então, a atual rua Pedro Palácios, antes conhecida como Boulevard. Em 1913 o prefeito Washington Pessoa mandou arborizar a artéria, conservando ali algumas árvores centenárias. Mais tarde, as mesmas, dispostas no centro da rua, foram postas abaixo, construindo-se canteiros onde aquelas árvores davam sombra, conservando-se apenas as das calçadas. Os canteiros foram depois abolidos, a fim de facilitar o tráfego, ora intenso nessa artéria.

2. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa que envolve além da formação de base teórica, obtida por meio de consulta a documentos textuais, os procedimentos de recolha documental, redesenho em *software* de geoprocessamento, classificação e análise comparativa de características formais dos elementos urbanos.

Os aspectos metodológicos desta pesquisa, por sua vez, podem ser identificados com aqueles utilizados nas pesquisas morfológicas de caráter qualitativo, como as realizadas pela abordagem histórico-geográfico. Para o Professor Pedro de Almeida Vasconcelos (2009: 148) a fonte documental cartográfica, apesar das imprecisões e dos métodos de registro, pode ter protagonismo nas pesquisas diacrônicas uma vez que “[...] os próprios mapas são marcos definitivos de etapas das transformações espaciais da cidade, nos dando uma informação precisa (em diferentes graus) do que já existia, do que estava consolidado, e do que tinha importância em ser registrado e mapeado [...]”.

Na proposta metodológica de Vasconcelos (2009: 154), em geografia histórica urbana, acerca do estudo de caso das cidades brasileiras o autor propõe quatro bases a serem seguidas, das quais neste artigo destaca-se a importância da interpretação do “[...] desenvolvimento espacial em cada período, tomando como referência principal a cartografia original (e a iconografia existente), mas complementada pelas informações escritas (inclusive as estatísticas), e de preferência de fontes primárias [...]”.



1767 – Em destaque as edificações religiosas.



1909/11 – Em destaque o compartilhamento do espaço Igreja São Tiago/Palácio Governamental e a demolição do quarteirão para construção da Praça João Clímaco.



1931 – Em destaque quarteirões demolidos.



1946 – Em destaque remodelação da praça defronte à Catedral e a completa retificação do eixo viário.

Fig. 04 Tábua comparativa do redesenho sobre a cartografia histórica georreferenciada do eixo de entorno da Rua Pedro Palácios. Fonte: Elaboração própria a partir de dados das cartografias georreferenciadas em QGIS.

Portanto, tomando como protagonista a cartografia histórica, o procedimento para coleta de dados passou por dois estágios. O primeiro compreendeu etapas de identificação de documentação, recolha documental,² periodização, georreferenciamento histórico e redesenho para equalização das representações e escalas, utilizando o *software* QGIS. Neste estágio foram consultados os bancos de dados de diversas instituições, tais como: Biblioteca Nacional do Brasil, Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Biblioteca Pública do Estado do Espírito Santo, Instituto Histórico e Arquivo Geral Municipal de Vitória, dentre outras.

No segundo estágio, procedeu-se com a comparação (**Figura 4**) entre as reconstituições de fragmentos documentais de tempos distintos e em escalas idênticas, além da sistematização de dados obtidos a partir do redesenho das cartografias dos anos de 1767, 1909/11, 1931 e 1946. Com objetivo de entender a cronologia sequencial, realizou-se ainda a interpretação das informações fazendo um exercício comparativo das diferentes fases da forma urbana, procurando-se analisar a forma externa do setor escolhido, em planta baixa, compreendendo inclusive as ruas do entorno imediato.

Não foram avaliados neste momento os elementos tridimensionais (edificação), tão pouco os elementos constitutivos do mobiliário urbano, arborização ou pavimentação. Por outro lado, buscou-se referência na literatura para construção de uma linha do tempo. De modo geral, as questões que neste momento não foram consideradas na análise, farão parte das etapas posteriores da pesquisa e serão oportunamente contempladas.

3. Resultados e discussões

Considerando que a toponímia Rua Direita tem a equivalência semântica de direta ou reta e considerando que o traçado deste elemento acompanhava o recorte da encosta terrestre em paralelo à orla marítima

² Recolha documental realizada no projeto cultural *Atlas Urbanístico de Vitória* (Botechia, 2019a). Disponível em: <http://www.atlasurbanistico.com.br>.

entende-se que o eixo da Rua Direita poderia ter correspondência com a direção do eixo da atual Rua Pedro Palácios.

Na análise cartográfica comparativa (**Figura 5**) realizada com a decomposição sistêmica da planta, conforme passo a passo registrado anteriormente, foi possível aferir a forma e função da Rua Pedro Palácios como conexão entre dois espaços livres públicos (os primitivos Largo do Colégio e Largo da Matriz), defronte a edificações religiosas coloniais, em pelo menos 3 hipotéticos períodos morfológicos.

O primeiro período morfológico identificado compreende os anos entre 1767 e 1909. A principal característica morfológica deste intervalo temporal é dada pelo primitivo assentamento da vila com a implantação dos edifícios religiosos em número de três articulados a largos maiores ou menores posicionados frontalmente aos edifícios conformando o determinado triângulo histórico. As arestas deste triângulo hipotético, identificável como padrão formal em outras vilas colonizadas por portugueses no Brasil, são definidas pelas ruas.

Tomando esta figura geométrica como referência pode-se afirmar que este elemento estruturador inicial persistiu no tempo, tanto no que se refere aos vértices quanto às arestas. Trata-se de persistência do lugar em função da propriedade da terra, da importância simbólica e dos eixos de circulação daí derivados. Importante ressaltar que anterior a este período da colonização portuguesa colonial há importantes variáveis como topografia, recursos ambientais e práticas da vida indígena que nesta fase da pesquisa ainda não foram avaliadas e interpretadas.

O segundo hipotético período morfológico, entre 1909 e 1931, demonstra o início de uma tendência à remodelação do passado e, por sua vez, da forma urbana colonial. Com o uso do recurso do saber técnico da engenharia, da cartografia, de pedreiros, de carpinteiros, da desejada geometria e retificação das áreas públicas e, conseqüentemente, das áreas privadas. Assim, principalmente a partir deste período morfológico, foram planejadas e executadas operações de demolição de quarteirões para conversão em praças como é o caso da Praça João Clímaco, para ampliação do Largo da Matriz e de desaparecimento completo como é o exemplo da Rua Dois de Dezembro, descrita como “[...] rua estreitíssima, desaparecida durante o governo de Florentino Avidos (1924-1928)” (ELTON, 1999: 79).

Observa-se no caso de estudos da rua Pedro Palácios a incorporação das áreas situadas no prolongamento do eixo, mais especificamente da antiga e desaparecida Rua da Matriz e do procedimento de demolição de dois quarteirões como foi demonstrado na **Figura 4**. Nesta intencionalidade do projeto urbano foram apagados quarteirões e ruas. Esta ação trabalha com o objetivo de ligação visual e físico entre elementos tridimensionais simbólicos a partir da existência da dita rua.

No terceiro período morfológico identificado, ou seja, a partir de 1931 nota-se o protagonismo majoritário da geometria e da demarcação de limites entre rua e praça com preocupação do desenho dos quarteirões do entorno imediato como “fachadas” e na sequência, principalmente a partir de 1946, uma tendência ao processo de substituição do edificado (2 a 3 pavimentos) para edifícios verticais.

Fazendo uso da interpretação dos dados obtidos em pesquisas e redesenho, foi possível evidenciar ainda, desde o século XVIII ao XX, o processo de persistência do traçado da hipotética Rua Direita. Este, após sucessivas intervenções, tornou-se um eixo unificado denominado contemporaneamente por Rua Pedro Palácios que atualmente opera na articulação com a atual Rua Professor Baltazar.

Posto desta maneira, a questão inicial do artigo como descrita na introdução, se confirmou, porém a hipótese de trabalho da pesquisa se expandiu. Assim, e para concluir, pode-se afirmar que o processo de persistência da forma é apenas um dentre os processos morfológicos que puderam ser observados neste caso de estudos tais como os processos concomitantes de permanência, justaposição, sobreposição, expansão.

4. Comentários finais

Como tudo o que dura muito tempo, a forma urbana primitiva não ultrapassou as diversas camadas do tempo sem passar por deformações, intervenções, alterações. Compreende-se com isso a morfogênese do espaço público como elemento fundamental e indispensável para o processo de conservação da memória das cidades pois estes, os espaços públicos, são mais duradouros no tempo do que os edifícios.

Após a conclusão da primeira etapa da pesquisa relatada em artigo anterior acerca da investigação da morfogênese das praças e a conclusão (ainda que parcial) desta segunda etapa – com estudo das ruas da cidade alta tendo a Rua Pedro Palácios como objeto empírico piloto - considera-se como grande o potencial do referencial teórico sugerido e do próprio objeto dada a permanência, persistência e desaparecimento de elementos da forma urbana estudada. A história morfológica dos elementos bidimensionais, do sítio e das estruturas ainda se encontra no contexto local, em grande parte, sem estudos reforçando as justificativas iniciais apresentadas para desenvolvimento desta investigação.

O estudo da relação entre as estruturas preexistentes e as formas urbanas contemporâneas contribui no entendimento da gênese, mas também expõe várias fases formais intermediárias, expondo *pari-passu* as camadas sobrepostas e deformadas. Para tanto, registra-se a importância das tecnologias digitais utilizadas e as que estão por vir, agregando conhecimento na compreensão de detalhes dos processos morfológicos na longa duração ao mesmo tempo em que revelam novas questões (e, portanto, novas hipóteses interpretativas) acerca dos movimentos de adaptação, estagnação, adição, apagamento. Da mesma forma, fica registrada a ação de “construir sobre o construído” como característica que perpassa os períodos estudados.

Apresenta-se também de modo factível a comprovação do papel protagonista do projeto urbano desenvolvido, durante todo o século XX, no resultado tangível da forma urbana atual sendo notável que as decisões feitas no passado modelaram a forma urbana do presente. Esta investigação continua e está registrada na Universidade Federal do Espírito Santo sob o título de *Atlas Urbanístico de Vitória* (PRPPG 9967/2019).

Bibliografia

ABREU, M. de A. (2011) *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson.

AMADO, A. E. M. (2012) *A rua direita nas cidades portuguesas: leitura tipo-morfológica do elemento urbano*. Dissertação de mestrado – Programa de Desenho Urbano e Projeto do Espaço Público, Universidade Técnica de Lisboa.

BOTECHIA, F. R. (2019) *A forma urbana persistente: gênese e metamorfose da praça na área central de Vitória*. SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN URBANISMO, 11., Santiago (Chile).

BOTECHIA, F. R. (2019a) *Plataforma digital interativa: base de dados do atlas urbanístico de Vitória [recurso eletrônico]*. Vitória: Edição de autor/ Secult/ Funcultura.

CONZEN, M. R. G. (1960). *Alnwick, Northumberland: a study in town plan analysis*. Londres: Instituto Britânico de Geografia.

DIAS COELHO, C. (Org.) (2013). *Cadernos de morfologia urbana: os elementos urbanos*. Lisboa: Argumentum.

DIAS COELHO, C. (Org.) (2014). *Cadernos de morfologia urbana: o tempo e a forma*. Lisboa: Argumentum.

ELTON, E. (1999). *Logradouros antigos de Vitória*. Vitória: Edufes/ Secretaria Municipal de Cultura.

LAMAS, J. M. R. G. (2011) *Morfologia urbana e desenho da cidade*. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian.

LAVEDAN, P. (1926). *Qu'est-ce que l'urbanisme?* Paris: Laurens.

PORTAS, N. (2005). *Os tempos das formas: a cidade feita e refeita*. Guimarães: Universidade do Minho.

SOUZA, L. P. de. (2013) *A geopolítica do sagrado: a participação das ordens religiosas na conformação urbana da Vila de Nossa Senhora da Vitória - ES (século XVI ao XIX)*. 2013. 402 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), Universidade Federal da Bahia.

VASCONCELOS, P. de A. (2009) *Questões metodológicas na geografia urbana histórica*. *GeoTextos*, v. 5, n. 2, p. 147-157.